

Alzheimer já atinge 1,2 milhão de brasileiros

Sérgio Castro/AE

Quadro pode se agravar, pois não há uma política de atendimento e população idosa cresce

LÍGIA FORMENTI

O Brasil tem 1,2 milhão de pacientes com mal de Alzheimer, doença neurológica crônica que leva à demência. Embora o número de doentes seja significativo, não há no sistema público de saúde uma política voltada para essa população. O governo não distribui os remédios que ajudam a evitar o avanço da doença e, salvo exceções, não há na rede pública serviço de acompanhamento dos doentes. O problema poderá ganhar dimensões maiores nos próximos anos, pois a população de risco para a doença, os idosos, está crescendo.

“Só faz tratamento quem pode pagar planos de saúde ou serviços particulares”, diz Vera Caovilla, presidente da Associação Brasileira de Alzheimer, Doenças Similares e Idosos de Alta Dependência (Abraz). A associação já fez pedido formal para inclusão das drogas disponíveis na lista de medicamentos específicos, distribuídos pelo Ministério da Saúde. Até agora, não houve resposta. O ministério informou ao **Estado** que não se pronunciaria sobre o assunto.

O problema não pára na falta de estrutura. Mesmo entre médicos ainda há desconhecimento sobre a doença. Hoje, Dia Internacional da Doença de Alzheimer, a Abraz promove eventos em todo o País.

O tratamento mínimo para um paciente com o problema não é barato. Vera calcula que, só entre remédios e fraldas descartáveis – necessárias a partir de uma fase da doença – o gasto é de pelo menos R\$ 600,00. Além do custo do tratamento, o Alzheimer muitas vezes altera a estrutura familiar. Como o paciente precisa estar sempre acompanhado, em muitas famílias um dos integrantes tem de deixar o emprego.



A pedagoga Yone de Moura Beraldo com o marido Paulo Roberto Beraldo cuida da mãe Adeilde Menezes Moura, de 81 anos, que sofre de mal de Alzheimer: “Quando soube que minha mãe estava doente passei a freqüentar o grupo da Abraz”